



Centro nº 2, no Bandeirante: estrutura e equipamentos ociosos por falta de pessoal para fazer o atendimento

Faltam médicos e leitos. É o hospital da Ceilândia

O Hospital Regional da Ceilândia (HRC), onde se concentra o maior número de pacientes da satélite com um dos maiores índices de doenças do DF, está enfrentando sérias dificuldades pela falta de leitos e recursos humanos. Uma das causas dessa defasagem segundo o diretor do hospital, Julival Fagundes, é o crescimento descontrolado da população, o que sobrecarrega a rede hospitalar.

De acordo com o diretor do HRC, cerca de 80 por cento dos pacientes atendidos na emergência são casos para os centros de saúde, que também sofrem com déficit de recursos humanos. Na emergência são atendidas cerca de 800 pessoas por dia, enquanto que o número de médicos é de apenas 38. Para suprir a demanda diária seriam necessários 1 mil e 600 leitos, mas o HRC só possui 149. Com isso, muitos casos são transferidos para os hospitais de Taguatinga ou Plano Piloto.

As pessoas que procuram o HRC podem esperar até dois anos por um exame. Segundo Fagundes, isso ocorre com frequência na neuropediatria, setor em que os pacientes têm que ser encaminhados aos hospitais do Plano Piloto, dada a falta de estrutura para um diagnóstico. Os casos de primeiros-socorros e pequenas cirurgias são atendidos regularmente, apesar da

demandas intensas. Já os casos politraumatizados e ortopedia são encaminhados geralmente para o Hospital de Base.

O acúmulo de trabalho em toda a rede hospitalar da Ceilândia tende a tornar o sistema mais sobrecarregado devido ao aumento da população. A rede foi implantada para atender a uma população de 140 mil habitantes. Hoje já está em torno dos 500 mil. "Por isso, a defasagem de médicos e funcionários, além da falta de leitos tem se tornado crítica", afirma Julival.

Apesar da população da Ceilândia possuir um dos mais baixos níveis de poder aquisitivo do DF, a taxa de cesariana é considerada uma das menores do País. De acordo com Julival Fagundes, numa média de 600 partos por mês, 80 por cento são normais.

O índice de doenças causadas por infecção hospitalar também é considerado baixo. O HRC vem executando, desde o ano passado, um trabalho de educação, onde os funcionários são conscientizados dos sérios riscos provocados por infecções. Segundo Julival, desde a implantação do programa o índice de infecção hospitalar caiu cerca de 40 por cento.

Um trabalho de prevenção do câncer de útero também vem sendo desenvolvido pelo hospi-

tal desde o ano passado. De acordo com um programa do Ministério da Saúde, implantado em 1987, cada hospital teria que colher, durante cinco anos, cerca de 33 citologias — exame de prevenção do câncer. Só em 1988, o HRC colheu mais de 20 e com isso bateu o recorde brasileiro. A execução desse trabalho é considerada primordial pela direção do HRC. "Medicina é prevenir e o que importa é a saúde e não a doença", afirmou Julival.

A falta de incentivo às pessoas que trabalham nas periferias é criticada pelo diretor do HRC. Segundo ele, o salário pago aos médicos pela Fundação Hospitalar do DF é um desrespeito, ressaltando que o dinheiro que o profissional ganha não dá nem para comprar um livro. "Além da sobrevivência, o médico tem que se atualizar", afirmou.

Julival Fagundes acha que as dificuldades enfrentadas nas áreas periféricas são bem maiores que nos grandes centros, principalmente devido às grandes distâncias. Segundo Julival, a maioria dos médicos possui mais de um local de atuação, já que os salários pagos são baixos: "Com isso, o profissional não tem condições de se dedicar totalmente ao trabalho".